

# Semiótica

---

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

A **semiótica** é o estudo da construção de significado, o estudo do processo de signo (*semiose*) e do significado de comunicação. Não deve ser confundida com a tradição *saussureana* denominada *semiologia*, que é um subconjunto da semiótica.<sup>[1][2]</sup>

A semiótica inclui o estudo de sinais e processos de *signos*, *indicação*, *designação*, *semelhança*, *analogia*, *alegoria*, *metonímia*, *metáfora*, *simbolismo*, *significação* e *comunicação*.<sup>[3]</sup> A tradição semiótica explora o estudo de signos e símbolos como parte significativa das comunicações. Diferentemente da *linguística*, entretanto, a semiótica também estuda sistemas de signos não-linguísticos.

A semiótica é frequentemente vista como essencial nos âmbitos antropológicos e sociológicos; o semiólogo e romancista italiano *Umberto Eco* propôs que todo fenômeno cultural possa ser estudado como uma comunicação. Alguns semióticos priorizam as dimensões lógicas da ciência. Eles examinam áreas pertencentes também às ciências da vida - como a forma como os organismos fazem previsões e se adaptam a seu nicho semiótico no mundo (ver *semiose*). Em geral, as teorias semióticas levam como objeto de estudo os signos ou sistemas de signos: a comunicação da informação nos organismos vivos é coberta pela *Biossemiótica*

## Índice

---

### Origens do estudo geral dos signos

- Charles Sanders Peirce
- Ferdinand de Saussure
- Louis Hjelmslev
- Umberto Eco
- Roman Jakobson
- Morris e Greimas

### Linguística e semiologia

### Ver também

### Referências

### Bibliografia

### Ligações externas

## Origens do estudo geral dos signos

---

O termo deriva do *grego* *σημειωτικός* *sēmeiōtikos*, "relacionado aos sinais" (do *σημεῖον* *sēmeion*, "um sinal, uma marca")<sup>[4]</sup> e foi usado primeiramente pelo inglês *Henry Stubbes* em 1676<sup>[5]</sup> (em um sentido muito preciso para denotar o ramo da ciência médica relacionado à interpretação dos signos).<sup>[6]</sup>

John Locke usou o termo *sem(e)iotike* no capítulo 21 do livro 4 de sua obra *Ensaio acerca do Entendimento Humano* (1690).<sup>[7][8]</sup> Aqui ele explica como a ciência pode ser dividida em três partes:

”Tudo o que pode ser inteligível pela compreensão humana, sendo, primeiro, a natureza das coisas, como elas são em si mesmas, suas relações e sua maneira de operar: ou, em segundo lugar, aquilo que o próprio homem deve fazer, como agente racional e voluntário para a consecução de qualquer fim, especialmente a felicidade: ou, em

terceiro lugar, os meios pelos quais o conhecimento de um e de outro é alcançado e comunicado; Eu acho que a ciência pode ser dividida corretamente nesses três tipos.”

É importante dizer que o saber foi estudado, inicialmente, constituído por uma dupla face. A face semiológica (relativa ao significante) e a epistemológica (referente ao significado das palavras).

A semiótica tem, assim, a sua origem na mesma época que a filosofia e disciplinas afeitas. Da Grécia antiga até os nossos dias tem vindo a desenvolver-se continuamente. Porém, posteriormente, há cerca de dois ou três séculos, é que se começaram a manifestar aqueles que seriam apelidados pais da semiótica (ou semiologia).

Os problemas concernentes à semiologia e à semiótica, assim, podem retroceder a pensadores como Platão e Santo Agostinho, por exemplo. Entretanto, somente no início do século XX com os trabalhos paralelos de Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce, o estudo geral dos signos começa a adquirir autonomia e o status de ciência.

## Charles Sanders Peirce

No estudo geral dos signos, Charles Sanders Peirce (1839-1914) seria o pioneiro daquela ciência que é conhecida como "semiótica", usando já este termo, que John Locke, no final do século XVII, teria usado para designar uma futura ciência que estudaria, justamente, os signos em geral.<sup>[9]</sup> Para Peirce, o Homem significa tudo que o cerca numa concepção triádica (*primeiridade*, *secundidade* e *terceiridade*), e é nestes pilares que toda a sua teoria se baseia.

Num artigo intitulado “Sobre uma nova lista de categorias”, Peirce, em 14 de maio de 1867, descreveu suas três categorias universais de toda a experiência e pensamento. Considerando tudo aquilo que se força sobre nós, impondo-se ao nosso reconhecimento, e não confundindo pensamento com pensamento racional, Peirce concluiu que tudo o que aparece à consciência, assim o faz numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência. Essas categorias foram denominadas:



Charles Sanders Peirce

- Qualidade;
- Relação;
- Representação.

Algum tempo depois, o termo *Relação* foi substituído por *Reação* e o termo *Representação* recebeu a denominação mais ampla de *Mediação*. Para fins científicos, Peirce preferiu fixar-se na terminologia de *Primeiridade*, *Secundidade* e *Terceiridade*.

**Primeiridade** - a qualidade da consciência imediata é uma impressão (qualidade de sentimento) *in totum*, invisível, não analisável, frágil. Tudo que está imediatamente presente à consciência de alguém é tudo aquilo que está na sua mente no instante presente. O **sentimento como qualidade** é, portanto, aquilo que dá sabor, tom, matiz à nossa consciência imediata, aquilo que se oculta ao nosso pensamento. A qualidade da consciência, na sua imediaticidade, é tão tenra que mal podemos tocá-la sem estragá-la. Nessa medida, o primeiro (primeiridade) é presente e imediato, ele é inicialmente, original, espontâneo e livre, ele precede toda síntese e toda diferenciação. Primeiridade é a compreensão superficial de um texto (leia-se texto não ao pé da letra; ex: uma foto pode ser lida, mas não é um texto propriamente dito).

Como Luis Caramelo explica no seu livro *Semiotica uma introdução*, "A primeiridade diz respeito a todas as qualidades puras que, naturalmente, não estabelecem entre si qualquer tipo de relação. Estas qualidades puras traduzem-se por um conjunto de possibilidades de vir a acontecer(...)". Desta forma, temos, no nosso mundo o acontecimento ou possibilidade "chuva", mas é apenas isso, apenas possibilidade existencial. Caso localizemos chuva como um acontecimento, por exemplo "está a chover" estamos perante a secundidade.

**Secundidade** - a arena da existência cotidiana, estamos continuamente esbarrando em fatos que nos são "externos", tropeçando em obstáculos, coisas reais, factivas que não cedem ao sabor de nossas fantasias. O simples fato de estarmos vivos, existindo, significa, a todo momento, que estamos reagindo em relação ao mundo. Existir é sentir a acção de fatos externos resistindo à nossa vontade. Existir é estar numa relação, tomar um lugar na infinita miríade das determinações do universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e espaço particulares. Onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte do fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tem que estar encarnada numa matéria. O fato de existir (secundidade) está nessa corporificação material. Assim sendo, Secundidade é quando o sujeito lê com compreensão e profundidade de seu conteúdo. Como exemplo: "o homem comeu banana", e na cabeça do sujeito, ele compreende que o homem comeu a banana e possivelmente visualiza os dois elementos e a ação da frase.

A palavra chave deste conceito é *ocorrência*, o conceito em ação. É desta forma, também, uma atualização das qualidades da primeiridade.

**Terceiridade** - primeiridade é a categoria que dá à experiência sua qualidade "distintiva", seu frescor, originalidade irrepitível e liberdade. Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter "factual", de luta e confronto. Finalmente, Terceiridade corresponde à camada de "inteligibilidade", ou pensamento em *signos*, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é o primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva – o azul no céu, ou o azul do céu -, é um terceiro. A terceiridade, vai além deste espectro de estrutura verbal da oração. Ou seja, o indivíduo conecta à frase a sua experiência de vida, fornece à oração, um contexto pessoal. Pois "o homem comeu a banana" pode ser ligado à imagem de um macaco no zoológico; à cantora Carmem Miranda; ao filme King Kong; enfim, a uma série de elementos extratextuais.

Sucintamente, podemos dizer que terceiridade está ligada a nossa capacidade de previsão de futuras ocorrências da secundidade, já que não só conhecemos o acontecimento na medida de possibilidade natural, como já o vimos em acção, e como tal, já nos é intrínseco. Desta forma já podemos antecipar o que virá a acontecer

Também para Peirce há três tipos de signos:

- O **ícone**, que mantém uma relação de proximidade sensorial ou emotiva entre o signo e a representação do objeto, e o objeto dinâmico em si; o signo icónico refere o objecto que denota na medida em que partilha com ele possui caracteres, caracteres esse que existem no objecto denotado independentemente da existência do signo. exemplo: pintura, fotografia, o desenho de um boneco. É importante falar que um ícone não só pode exercer esta função como é o caso do desenho de um boneco de homem e mulher que ficam anexados à porta do banheiro indicando se é masculino ou feminino, a priori é ícone, mas também é símbolo, pois ao olhar para ele reconhecemos que ali há um banheiro e que é do gênero que o boneco representa, isto porque foi convencionado que assim seria, então ele é ícone e símbolo;
- O **índice**, ou parte representada de um todo anteriormente adquirido pela experiência subjetiva ou pela herança cultural - exemplo: onde há fumaça, logo há fogo. Quer isso dizer que através de um indício (causa) tiramos conclusões. Ainda sobre o que nos diz este autrê importante referir que «um signo, ou *representamen*, é qualquer coisa que está *em vez de (stands for)* outra coisa, «em determinado aspecto ou a qualquer título», (e que é considerado «representante» ou representação da coisa, do objecto - a matéria física) e, por último, o «interpretante» - a interpretação do objecto. Por exemplo, se estivéssemos a falar de "cadeira", o representante seria o conceito que temos de cadeira. Sucintamente, o índice é um signo que se refere ao objecto denotado em virtude de ser realmente afectado por esse objecto.

O objeto seria a cadeira em si e o interpretante o modo como relacionamos o objeto com a coisa representada, o objeto de madeira sobre o qual nos podemos sentar. Sobre isto é interessante ver a obra "One and three chairs" do artista plástico Joseph Kosuth. A principal característica do signo indicial é justamente a ligação física com seu objeto, como uma pegada é um "indício" de quem passou. A fotografia, por exemplo, é primeiramente um índice, pois é um registro da luz em determinado momento.

- O **símbolo**, "é um signo que se refere ao objecto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo aquele objecto".

Ver também uma exposição detalhada da rede de conceitos da semiótica peirceana em semiotica pragmaticista e pragmaticismo

## Ferdinand de Saussure

Um outro autor, considerado pai da semiologia, a vertente europeia do estudo dos signos, por ser o primeiro autor a criar essa designação e a designar o seu objeto de estudo, é Ferdinand de Saussure (1857-1913). Segundo este, a existência de signos - «a singular entidade psíquica de duas faces que cria uma relação entre um conceito (o significado) e uma imagem acústica (o significante) - conduz à necessidade de conceber uma ciência que estude a vida dos sinais no seio da vida social, envolvendo parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral. Chamar-lhe-emos semiologia. Estudaria aquilo em que consistem os signos, que leis os regem.»



Ferdinand de Saussure

A concepção de Saussure relativamente ao signo, ao contrário da de Peirce, distingue o mundo da representação do mundo real. Para ele, os signos (pertencentes ao mundo da representação) são compostos por significante - a parte física do signo - e pelo significado, a parte mental, o conceito. Colocando o referente (conceito correspondente ao de objecto por Peirce) no espaço real, longe da realidade da representação. Para Saussure (com excepção da onomatopeia), não existem signos motivados, ou seja, com relação de causa-efeito. Divide os signos em dois tipos: os que são relativamente motivados (a onomatopeia, que em Peirce corresponde aos ícones), e os arbitrários, em que não há motivação. Leia-se que esta motivação é a tal relação que Peirce faz entre representação e objecto e que, na visão de Saussure, parece não fazer sentido. Esta visão pode ser tida como visão de face dual. Para Saussure, existem assim dois tipos de relações no signo:

1 - as «relações sintagmáticas», as da linguagem, da fala, a relação fluida que, no discurso ou na palavra (*parole*), cada signo mantém em associação com o signo que está antes e com o signo que está depois, no «eixo horizontal», relações de contextualização e de presença (ex: *abrir uma janela*, em casa ou no computador)

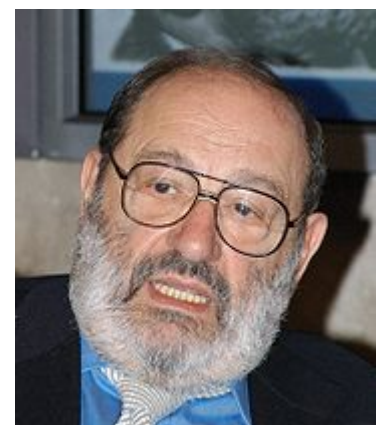
2 - as «relações paradigmáticas», as «relações associativas», no «eixo vertical» em ausência, reportando-se à «língua» (ex: associarmos a palavra mãe a um determinado conceito de origem, carinho, ternura, amor, etc...), que é um registo «semântico», estável, na memória coletiva de um ser ou instrumento.

## Louis Hjelmslev

Louis Hjelmslev (1899-1965) complexifica os conceitos utilizados por Saussure. Segundo Hjelmslev, e por uma questão de clareza, a expressão deverá substituir o termo saussuriano de significante, assim como o conteúdo deve substituir o de significado. Tanto a expressão como o conteúdo possuem dois aspectos, a forma e a «substância» - que em Saussure são por vezes confundidos com significante e significado. Os signos são por isso, para Hjelmslev, constituídos por quatro elementos e não dois, como propunha Saussure.

## Umberto Eco

Sendo o mais proeminente europeu a usar o termo "semiótica", Umberto Eco (1932-2016), além de ser um dos que tentaram resumir de forma mais coerente todo o conhecimento anterior, procurando dissipar dúvidas e unir ideias semelhantes expostas de formas diferentes, introduziu novos conceitos relativamente aos tipos de signos que considerava existir. São os «diagramas», signos que representam relações abstractas, tais como fórmulas lógicas, químicas e algébricas; os «emblemas», figuras a que associamos conceitos (ex: cruz → cristianismo); os «desenhos», correspondentes aos ícones e às inferências naturais, os índices ou indícios de Peirce; as «equivalências arbitrárias», símbolos em Peirce e, por fim, os «sinais», como por exemplo o código da estrada, que sendo indícios, se baseiam num código ao qual estão associados um conjunto de conceitos.



Umberto Eco

## Roman Jakobson

Roman Jakobson, nascido em Moscovo (Moscou <sup>PB</sup>), em 1896, introduziu o conceito das funções da linguagem:

- a emotiva, que «denota» a carga do emissor na mensagem;
- a injuntiva, relativa ao destinatário;
- a referencial, relativa àquilo de que se fala;
- a fática, relativa ao canal da comunicação;
- a metalinguística, relativa ao código;
- a poética, relativa à relação da mensagem consigo mesma.

Se Jakobson fala das funções da linguagem, Guiraud diferencia os códigos. E é nos códigos lógicos que está o mais importante para os signos. Nestes, ele releva os «paralinguísticos», associados a aspectos da linguagem verbal (ex: escritas alfabética, escritas ideogramáticas). Associar números a pedras é ter e ser um código deste tipo: códigos práticos, ligados às sinaléticas, às programações e a códigos de conhecimento (ex: sinais de trânsito) e, por último, os epistemológicos, ou específicos de cada área científica.

## Morris e Greimas

Morris e Algirdas Julius Greimas dizem-nos que tudo pode ser signo consoante a nossa interpretação, deixando em estado mais abrangente o conceito de signo. Porém, Morris diz-nos ainda que estes se dividem em

- Sintático, ao nível da estrutura dos signos, o modo em como eles se relacionam e as suas possíveis combinações
- Semântico, analisando as relações entre os signos e os respectivos significados,
- Pragmático, estudando o valor dos signos para os utilizadores, as reacções destes relativamente aos signos e o modo como os utilizamos.

## Linguística e semiologia

---

A linguística era um dos campos da semiologia; hoje em dia, essas ciências trabalham lado a lado.

Segundo alguns autores, a semiótica nunca foi considerada parte da linguística, sendo mais natural considerar-se o contrário, posto que a língua é apenas mais um sistema de signos entre tantos. De fato, ela se desenvolveu quase exclusivamente graças ao trabalho de não-lingüistas, particularmente na França, onde é frequentemente considerada uma disciplina importante. No mundo de língua inglesa, contudo, não desfruta de praticamente nenhum reconhecimento institucional.

Embora a língua seja, normalmente, considerada o caso paradigmático do sistema de signos, grande parte da pesquisa semiótica atual se concentrou na análise de domínios tão variados como os mitos, a fotografia, o cinema, a publicidade ou os meios de comunicação. A influência do conceito linguístico central de estruturalismo, que é mais uma contribuição de Saussure, levou os semioticistas a tentar interpretações estruturalistas (ver estruturalismo) num amplo leque de fenómenos. Objetos de estudo, como um filme ou uma estrutura de mitos, são encarados como textos que transmitem significados, sendo esses significados tomados como derivações da interação ordenada de elementos portadores de sentido, os signos, encaixados num sistema estruturado, de maneira parcialmente análoga aos elementos portadores de significado numa língua.

Quando deliberadamente enfatiza a natureza social dos sistemas de signos humanos, com exceção daqueles pertencentes à sua natureza, a semiótica tende a ser altamente crítica e abstrata. Nos últimos anos, porém, os semioticistas se voltam cada vez mais para o estudo da cultura popular sendo hoje em dia comum o tratamento semiótico das novelas de televisão e da música popular

## Ver também

---

- Metasemiótica
- Biossemiótica
- Claude Lévi-Strauss
- Décio Pignatari
- Jacques Derrida
- Lucia Santaella
- Yuri Lotman
- Roland Barthes
- Semiótica psicanalítica
- Teoria semiótica da complexidade
- Vilém Flusser
- Umberto Eco
- Etnossemiótica

# Referências

---

1. «Semiology vs. semiotics»(<http://www.cs.joensuu.fi/~whamalai/skc/semiology.html>)
2. "The science of communication studied through the interpretation of signs and symbols as they operate in various fields, esp. language", *Oxford English Dictionary*(2003)
3. Caesar, Michael (1999). Umberto Eco: Philosophy Semiotics, and the Work of Fiction. [S.l.]: Wiley-Blackwell. p. 55. ISBN 978-0-7456-0850-1
4. σημειωτικός (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0057%3Aentry%3Dshmeiwtiko%2Fs>), Henry George Liddell, Robert Scott, *A Greek-English Lexicon* on Perseus
5. Stubbes, H., *The Plus Ultra reduced to a Non Plus...* (London, England, 1670), page 75:"... nor is there any thing to be relied upon in Physick, but an exact knowledge of medicinal phisiology (founded on observation, not principles), **semeiotics**, method of curing, and tried (not excogitated, not commanding) medicines ...."
6. "The branch of medical science relating to the interpretation of symptoms"*Oxford English Dictionary*(1989)
7. For the Greeks, "signs" occurred in the world of nature, "symbols" in the world of culture. Not until Augustine of Hippo would a thematic proposal for uniting the two under the notion of "signs" (*gnum*) as transcending the nature-culture divide and identifying symbols as no more than a species (or sub-species) of *signum* be formally proposed. See the monograph study on this question, *Le teorie del segno nell'antichità classica* by Giovanni Manetti (Milan: Bompiani, 1987); trans. by Christine Richardson as *Theories of the Sign in Classical Antiquity* (Bloomington, IN: Indiana University Press, 1993). Classic also is the article by Luigi Romeo, "The Derivation of 'Semiotics' through the History of the Discipline", in *Semiosis* 6, Heft 2 (1977), 37–49. See also Andrew LaVelle's discussion of Romeo on Peirce-I at [1] (<http://permalink.gmane.org/gmane.science.philosophy.peirce/3252>).
8. «semiotics | study of signs»(<https://www.britannica.com/science/semiotics>). *Encyclopædia Britannica*(em inglês). Consultado em 28 de junho de 2017.
9. Vasconcellos, Mércia. Política e mídia: as fotografias dizem tudo! Universidade de Marília. SP([http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d8/GT5\\_-\\_13\\_-\\_Política\\_e\\_Mídia-\\_Mercia.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d8/GT5_-_13_-_Política_e_Mídia-_Mercia.pdf))

# Bibliografia

---

- HIPPÓLYTO, Fernando. *Operações psicológicas* Abordagem semiótica da comunicação na guerra moderna. Natal: UnP, 2007.
- KLANOVICZ, Jó *Fontes abertas* Inteligência e o uso de imagens. In: Revista brasileira de inteligência. V. 2, nº. 2. Brasília: Abin, 2006.
- NÖTH, Winfried *A semiótica no século XX* Coleção E, volume 5. São Paulo: Annablume, 1996.
- SANTAELLA, Lucia *A teoria geral dos signos* 1 ed., São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- SANTAELLA, Lucia *O que é Semiótica* São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros passos)
- SANTAELLA, Lucia *Semiótica aplicada* 1 ed., São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- SANTAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried *Imagem - cognição, semiótica, mídia* São Paulo: Iluminuras, 1997.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Estudos coligidos* Tradução: A. M. D'Oliveira. São Paulo: Abril Cultural, 1997.
- PIGNATARI, Décio; FERRARA, Lucrecia D'Alessio; FERLAUTO, Claudio; ALONSO, Carlos E. *Semiótica - Manual de Leitura* Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP.

# Ligações externas

---

- [Grupo de Estudos Semióticos - USP](#)
- [Comunicação e Semiótica - PUC/SP](#)
- [Semiotic Engineering Research Group - PUC/RJ](#)
- [Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia](#)
- [semiologia](#), in Infopédia (Em linha), Porto: Porto Editora, 2003-2014. (Consult. 2014-08-21).

---

Obtida de "<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Semiótica&oldid=52500075>

---

Esta página foi editada pela última vez às 16h07min de 29 de junho de 2018.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença [Atribuição-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada \(CC BY-SA 3.0\)](#) da [Creative Commons](#) pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte [as condições de utilização](#)